

LIVRO

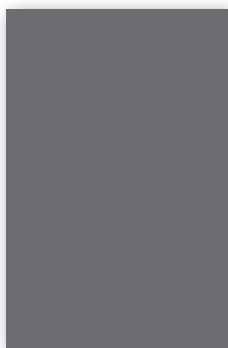
Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição

n. 6




Ateliê Editorial





LIVRO – REVISTA DO NÚCLEO DE ESTUDOS DO LIVRO
E DA EDIÇÃO N. 6
ISSN 2179-801X
Novembro de 2016

Editores Responsáveis

Marisa Midori Deaecto
Plínio Martins Filho

Conselho Editorial

Alice Mitika Koshiyama – ECA-USP
Ana Luíza Martins – Condephaat-DPH
Aníbal Bragança – UFF
Antonio Castillo Gómez – Universidad de Alcalá (ESP)
Antonio Dimas – FFLCH-USP
Cláudio Giordano – Editor
Diana Cooper-Richet – UVSQ (FRA)
Edmir Perrotti – ECA-USP
Fernando Paixão – IEB-USP
Frédéric Barbier – EPHE/CNRS (FRA)
István Monok – Universidade de Eger; Szeged (HUN)
J. Guinsburg – Editor
Jacques Hellems – Université Libre de Bruxelles (BEL)
Jean-François Botrel – Université de Rennes 2 (FRA)
Jean-Yves Mollier – UVSQ (FRA)
João Adolfo Hansen – FFLCH-USP
José de Paula Ramos Jr. – ECA-USP
Laurence Hallewell – Universidade Essex (ING)
Lincoln Secco – FFLCH-USP
Manuel Cadafaz de Matos – Academia Portuguesa de História
Marco Santoro – Universidade La Sapienza de Roma
Marcos Antônio de Moraes – IEB-USP
Marisa Lajolo – IEL-Unicamp / Mackenzie
Michel Melot – CNRS, EHESS (FRA)
Neil Safier – John Carter Brown Library (EUA)
Nelson Schapochnik – FE-USP
Paulo Franchetti – IEL-Unicamp
Sandra Vasconcelos – FFLCH-USP
Tânia Maria Bessone – IFCH-UERJ
Thiago Mio Salla – ECA-USP
Ursula Rautenberg Friedrich-Alexander Universität (ALE)
Wander Melo Miranda – CEL-UFMG
Yann Sordet – Bibliothèque Mazarine (FRA)



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Marco Antonio Zago

Vice-reitor: Vahan Agopyan

PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Pró-reitor: Marcelo de Andrade Roméro



NÚCLEO DE ESTUDOS DO LIVRO E DA EDIÇÃO

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 433
Bloco A, sala 17 – Cidade Universitária
CEP 05508-900 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3091-4945

Coordenadores

Plínio Martins Filho
Jerusa Pires Ferreira

Coordenadores Adjuntos

Marisa Midori Deaecto
Sandra Reimão

Conselho Deliberativo

Ana Maria de Almeida Camargo – FFLCH-USP
Ivan Teixeira (*in memoriam*) – ECA-USP
Jerusa Pires Ferreira – ECA-USP – PUC-SP
Márcia Abreu – IEL-Unicamp
Marisa Midori Deaecto – ECA-USP
Nelson Schapochnik – FE-USP
Pedro Puntoni – FFLCH-USP
Plínio Martins Filho – ECA-USP
Sandra Reimão – EACH-USP

Livro – a Revista – é o primeiro fruto do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição (NELE). Resulta, portanto, do esforço coletivo de professores e pesquisadores de diversos campos do conhecimento no sentido de materializar um fórum aberto à reflexão, ao debate e à difusão de pesquisas que têm na palavra impressa seu objeto principal.

As opiniões expressas nos artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.
Todo material incluído nesta revista tem a autorização dos autores ou de seus representantes legais.
Qualquer parte dos artigos da revista pode ser reproduzida desde que citados autor e fonte.


Ateliê Editorial

Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897 – 06709-300 – Granja Viana – Cotia – SP – Brasil
www.atelie.com.br | e-mail: vendas@atelie.com.br | tel: 4612-9666

OUTROS TEXTOS, OUTRAS LEITURAS

*Divagações Metodológicas em Torno
de Efêmeros e Papéis Menores¹*



Antonio Castillo Gómez

(Universidad de Alcalá)

Tradução Cláudio Giordano

Uma das coisas dignas de conhecimento do público é a notícia das pragmáticas, documentos régios, editos, decretos etc. que se imprimem e de que mal se dá notícia ou se deixa registro. Na Gaceta poucas se divulgam que não façam parte das publicadas pelo Supremo Consejo de Castilla; mas quantas não são noticiadas nos demais tribunais? Por isso nos dedicamos com o maior empenho a indagar e buscar esses documentos públicos e dignos de atenção e memória, com os quais sai engrandecida esta Biblioteca².

I

A citação acima provém da *Biblioteca Periódica Anual para Utilidad de Libreros y Literatos*, mais precisamente do número correspondente ao ano de 1786. Referida obra publicou-se anualmente entre 1784 e 1791, com o propósito de que livreiros e apreciadores de livros tivessem informação precisa de “livros e papéis que se imprimem e publicam em Madrid e nas províncias da Espanha”, classificados por ordem alfabética de autores ou tradutores (pelo sobrenome), com indicação das livrarias onde se vendiam e das tipografias, cidades e anos onde tinham sido editados os diferentes títulos³. Constatada a dificuldade que implicava conhecer tudo que se publicava naqueles

1. Este artigo inscreve-se no projeto de pesquisa “*Scripta in itinere*”. *Discursos, Formas y Apropiaciones de la Cultura Escrita en Espacios Públicos Desde la Primera Edad Moderna a Nuestros Días* (Ref. HAR2014-51883-P), financiado pelo Ministério de Economia e Competitividade do Governo da Espanha.

2. *Biblioteca Periódica Anual para Utilidad de los Libreros y Literatos*, Madrid, Imprenta Real, 1786, n. III, pp. 1-2.

3. *Idem*, 1785, n. II, p. 1.

tempos, no prólogo do volume de 1785 pediu-se que os “autores ou seus interessados estabelecidos nas províncias” enviassem à livraria madrilenha de Antonio del Castillo a informação correspondente, em especial se se tratasse de “alguns papéis ou livros de pequeno porte, como são sermões, dissertações, poesias, discursos inaugurais etc.”, porque, “apesar de impressos não se vendem nesta Corte, nem são anunciados nas Gazetas nem através de cartazes públicos”⁴.

Os volumes da *Biblioteca* convidam a um olhar de amplo alcance, que vem bem a propósito do assunto que pretendo tratar nestas páginas, sob minha perspectiva de historiador da cultura escrita. Adiante-se que entendo esta disciplina segundo a definição que lhe fez Armando Petrucci, ou seja, como a “história da produção, das características formais e dos usos sociais da escrita e dos testemunhos escritos em determinada sociedade, independentemente das técnicas e dos materiais utilizados em cada caso”⁵. Campo, a meu ver, mais amplo do que o balizado pela história do livro, exceto que entendemos esta como uma “história social e cultural da comunicação através da imprensa”, conforme propôs oportunamente Robert Darnton⁶. Formulação, não obstante, que para ser plenamente assumida caberia entendê-la mais além da identificação estabelecida então entre livros e impressos, como a próprio historiador norte-americano expressou em diversos estudos referentes às formas de comunicação (oral, manuscrita e impressa) e à difusão de panfletos na França do século XVIII⁷.

4. *Idem*, pp. 5-6.

5. Armando Petrucci, *Prima Lezione di Paleografia*, Roma-Bari, Laterza, 2002, p. vi.

6. Robert Darnton, “¿Qué Es la Historia del Libro?” (1982), em *El Beso de Lamourette. Reflexiones sobre Historia Cultural*, Buenos Aires, FCE, 2010, p. 117.

7. Robert Darnton, “An Early Information Society: News and the Media in Eighteenth-Century Paris”,

Não quer dizer, longe disso, que a história do livro perca sua identidade para dissolver-se na história da cultura escrita, pois isso seria o mesmo que negar o peso de uma rica e acreditada tradição secular. Trata-se antes de apontar que com esta afloram algumas das limitações e contradições nas quais aquela pode ter ocorrido. Talvez para isso tenha contribuído seu perene enquadramento no setor representado pelos estudos filológicos e bibliográficos, de cuja necessidade e bom uso tampouco acalento dúvidas. É possível até que dita trajetória se justificasse face ao abandono que diferentes gerações de historiadores mostraram ao longo do século XX em relação a tudo o que dissesse respeito à história cultural, e dentro desta, à história da escrita, tachada às vezes, com pouca justiça, de vaga e pouco rigorosa⁸.

Afora a severidade que comportam juízos dessa natureza, pode-se ter a literatura inconsistente em qualquer ramo do conhecimento, onde sempre encontraremos trabalhos que exploraram novos territórios, abriram linhas de pesquisa ou formularam novos enfoques e metodologias; ao lado de outros que se limitam a repetir e aplicar esses modelos, quando não a fazer ruim plágio dos mesmos. É inevitável que seja assim particularmente quando, para todo efeito, nossa rentabilidade científica se mede em termos de quantidade, intimando-se as gerações mais jovens a publicar logo e muito. Não se trata, pois, de uma chamada de atenção que pudesse ser válida para o campo de estudos da “cultura da escrita”; ao contrário, é extensiva a qualquer âmbito do saber.

The American Historical Review, vol. 105, n. 1 (2000), pp. 1-35; *Poetry and the Police. Communication Networks in Eighteenth-Century Paris*, Cambridge (MA), Harvard University Press, 2010; e *The Devil in the Holy Water, or the Art of Slander from Louis XIV to Napoleon*, Philadelphia (PA), University of Pennsylvania Press, 2011.

8. Josep Fontana, *La Historia Después del Fin de la Historia*, Barcelona, Crítica, 1992, pp. 111-112.

A história da cultura escrita desfruta já de ampla e consolidada trajetória⁹. Coisa diferente é que em determinadas disciplinas, escoradas em procedimentos essencialmente positivistas e portanto descritivos, esse desafio não tenha sido corretamente entendido, tendo-se inclusive produzido uso indevido de conceitos inerentes a tal linha de pesquisa, como é e tem sido o caso de grande número de trabalhos da disciplina que tem o empenho acadêmico do estudo da escrita, isto é, a paleografia.

Entendo que se poderia fazer crítica semelhante a respeito do monopólio que a filologia e a bibliografia têm exercido na história do livro. Incurreria em erro crasso se omitisse a enorme contribuição de referidas disciplinas ao nosso conhecimento das transformações e modalidades do livro ao longo do tempo, com atenção particular à era representada pela imprensa. No entanto, o fato talvez de que durante décadas a história se tenha interessado apenas pelas transformações do livro prendeu essas disciplinas à atividade descritiva, marginalizando outras dimensões de índole mais interpretativa, que depois se foram recuperando com a *bibliografia material* ou a *textual bibliography*¹⁰. Resultou de enfoques tão positivistas uma tradição de estudos alicerçada na nem sempre cômoda identificação e descrição de livros e impressos, construindo-se com eles imprescindíveis

repertórios bibliográficos ou tipobibliográficos, cuja origem se encontra na erudição dos séculos XVIII e XIX, quando se praticou uma veneração do objeto livro comparável à que os historiadores oitocentistas manifestaram pelo documento diplomático¹¹.

II

O fetichismo do livro repercutiu na confecção de catálogos de manuscritos e impressos aos quais ainda somos devedores, mas também introduziu alguns desvios de foco que estão na base do que reivindico neste texto. O olhar se voltou fundamentalmente à descrição material do objeto livro, interessando-se menos pela interpretação do efeito que as formas materiais podem ter na apropriação dos textos, na reconstrução de seus usos e significados sociais. Estes aspectos começaram a despontar nos anos 1960 e 1970 com o desenvolvimento de uma história social do livro, que teve um de seus primeiros artífices na pessoa de Henri-Jean Martin¹², e depois dele alguns expoentes da segunda geração da *École de Annales*, antes que tais interesses se expandissem por toda parte e acabassem inserindo-se na história do livro, e em seguida da leitura, no contexto da história cultural¹³.

9. Para uma aproximação da mesma, da situação atual e alguns apontamentos para o futuro, remeto às considerações que formulo em meu trabalho “Escritas, Textos e Leituras. Maneiras de Fazer História da Cultura Escrita”, em Rosângela Patriota *et alii* (orgs.), *História Cultural: Escritas, Circulação, Leituras e Recepções*, São Paulo, Editora Hucitec, 2016, no prelo.

10. Sobre este aspecto são fundamentais as contribuições de Donald F. McKenzie, *Bibliography and the Sociology of Texts*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999; e *Making Meaning: “Printers of the Mind” and Other Essays*, edição de Peter D. McDonald e Michael F. Suarez, Amherst, University of Massachusetts Press, 2002

11. Francisco M. Gimeno Blay, “Alcanzar la Verdad. La Erudición Decimonónica Española Estudia los Testimonios Escritos Medievales”, em “*Scripta Manent*”. *De las Ciencias Auxiliares a la Historia de la Cultura Escrita*, Granada, Universidad de Granada, 2008, pp. 41-73.

12. Henri-Jean Martin, *Livre, pouvoirs et société à Paris au XVII^e siècle*, Genève, Droz, 1969, 2 vols.

13. Roger Chartier, “De l’histoire du livre à l’histoire de la lecture”, *Archives et bibliothèques de Belgique*, 60, 1-2 (1989), pp. 161-189; Robert Darnton, “History of Reading”, em Peter Burke (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, Cambridge, Polity Press, 1991, pp. 140-167; Peter Burke, *What is Cultural History?*, Cambridge, Polity Press, 2004; Philippe Poirrier (dir.), *L’histoire culturelle : un “ tournant mondial ” dans l’historiographie ?*, Dijon, Éditions Universitaires de Dijon, 2008; e Justo Serna e Anacleto Pons, *La*

P. R. 21-203

ARCHIVO GENERAL DE ENCOMENDAS

El Licen^{do} Vnigo de Velas Prouisor Genal

En el obispado de Cuenca en lo espiritual y temporal por el ^{señor} Don Fray Bernardo de Sureda obispo del dicho obispado del Consejo de Estado de la Magestad Real con el consentimiento de la Santa Cruzada y subsidio de las Indias en el mes de mayo señores Dean e Cabildo de esta Santa Iglesia de Cuenca y los Arciprestes Vicarios Curas Ben^{edictinos} y otras de mas personas eclesiasticas y seglares de este obispado de Cuenca a peticion de su Magestad para que se pudiese en qualquier manera a Salud en nro Señor ihu xpo Sabid que no muy sabido Padre Pio Papa quanto aviendo visto y examinado los Decretos y sesiones y todo lo que se contiene en el dicho sacro Santo Concilio que se hizo y celebró en la ciudad de Trento Apobado y confirmado lo dispuesto y determinado y mandado en el como cosa tan necesaria e importante al serui de Dios no solo y de su templo e Iglesia e al bien de los Indios segun la qual dicha confirmacion su Magestad el Rey Don Felipe no solo como Catolico e Christianissimo mandado dar e ha dado sus Reales Prorrogas para que las Prelatas de otros Reynos mandasen en sus diocesis y distritos guardar e cumplir y executar todo lo dispuesto e mandado y determinado por el dicho sacro Concilio sin que se dexase con alguna de cumplir lo en el dicho sacro Concilio dispuesto y determinado y por la Voluntad de su Magestad del dicho señor obispo de Cuenca y mia en su nombre es de orden y procura que lo decretado y determinado por el dicho sacro santo Concilio se execute y guarde y para la execucion de ello se publique en esta ciudad y obispado entendiendo quanto importa para conseruacion del estado eclesiastico y Religion Espana como cosa consagrada por el Espíritu Santo para estirpacion y destruycion de los herejes y herejias que los ynfidels en mas tiempos infelicemente han tenido y tienen atento lo qual Mandamos dar e damos esta Carta por la qual Notifico y hago saber a todas las dichas Personas suso dichas como se Publica el dicho sacro Concilio para q todos en General y particular lo guarden y cumplan segun y como en el se contiene y manda sin escusa ni dilacion alguna segun q a cada vno de por si le toca y es obligado solas Penas y censuras en el dicho sacro Santo Concilio puestas y fulminadas y contra los q no lo pudiesen cumplir los ultimos dias del mes de octubre proximo venidero deste presente año que sera el termino por su santidad dando segun parece de la declaracion por su santidad hecha en la ciudad de Roma se proceda a la execucion de las Penas y censuras y Privaçion segun q por el dicho Concilio se manda y para cumplir guardar y executar lo q dicho es por el presente Mando en virtud de santa obediencia y sopena de excom^{unicacion} a todas y quantes quies personas eclesiasticas desta ciudad y obispado que tengan Pias eclesiasticas en el de qualquier condicion q sean Ben^{edictinos} fundas Simples Canonicos Dignidades Raciones e medras Prestamos e Prestameras Capellanias que dentro del dicho termino q sera hasta en fin del dicho mes de octubre exhibiran ante mi original m^{as} los Titulos que tienen a los dichos tales Ben^{edictinos} e Pias para que visto se proceda lo que mas al serui de Dios no solo conuenza y ala execucion de la Justicia y cumplimiento del dicho Concilio con apercibim^{iento} que el dicho termino pasado y no cumpliendo sin las mas citas ni llamar para ello procederemos a Privaçion de los tales Ben^{edictinos} e pueden dar eclesiasticas ansi por no exhibir los dichos Titulos como por no cumplir lo por el dicho sacro Concilio determinado para lo q todo por la presente vos cito y llamo desde agora para entonces y desde entonces para agora para Privaçion e vezas Privaçion y Privaçion de las tales Pias y cumplir y executar todo lo de mas q por el dicho sacro Concilio se manda y para que dello conde y nada pueda pretender ignorancia Mando dar e dila presente la qual mando sea leyda en esta y en la Cathedral en dia de Domingo siguiente de guardar de manera q se presuma venir a noticia de todos y justificar en las Pias principales de la dicha Cathedral en cuarenta e siete de Schiabra de 1565

A El Licen^{do} Vnigo

Por mi el dho

Francisco de Velas

Fig. 1. Edito manuscrito de Hugo de Velasco, *provisor general del obispo de Cuenca, ordenando el cumplimiento de los acuerdos del Concilio de Trento*. Cuenca. 7 de septiembre de 1564. Valladolid, Archivo General de Simancas, Patronato Real, leg. 21, doc. 203.

Antes de atingir esse ponto, interessaram-se aquelas primeiras pesquisas especialmente em mapear o mundo do livro, segundo proprietários, profissões e demarcações territoriais, publicando volumes imprescindíveis que nos possibilitaram conhecer quais livros circularam em determinadas cidades em diferentes épocas, que temas se destacavam numas e noutras livrarias, quem foram seus donos, onde viviam e a que setores socioprofissionais pertenciam¹⁴.

Doutra parte, os estudos estabelecidos na tradição bibliográfica concentraram-se principalmente na catalogação de manuscritos medievais e impressos modernos. Sua utilidade é tão evidente quanto a paciência e perícia daqueles que os elaboraram. Ninguém melhor que eles para conhecer os meandros do mundo do livro na era tipográfica, mas concordarão os leitores comigo que a história do livro não para aí. Derivou disto uma identificação entre esta e história do impresso que entendo injustificada, porquanto os livros copiados a mão e outros manuscritos tiveram largo uso nos séculos da tipografia e até da imprensa industrial. Obviamente seu rastreo é sempre mais complicado, pois muitas vezes se reduzem a poucas cópias em comparação com as

Historia Cultural. Autores, Obras, Lugares, Madris, Akal, 2013 [2. ed.].

14. François Furet, *Livre et société dans la France du XVIII^e siècle*, Paris, Mouton, 1965-1970, 2 vols. Sobre a aplicação da metodologia quantitativa na história do livro dentro da historiografia francesa dos anos 1960 e 1970, veja-se Roger Chartier e Daniel Roche, "L'histoire quantitative du livre", *Revue française de l'histoire du livre*, 16 (1977), pp. 477-501.

centenas de exemplares que podem ter sobrevivido dos impressos antigos.

Insisto no que ocorre sempre com nosso enfoque na hora de valorizar cientificamente uns e outros produtos. Observe-se que no apontamento anterior se reproduz outra constante que perpassa grande parte dos estudos sobre o livro e, portanto, repercutiu na marginalização de boa parte dos efêmeros e papéis menores. Trata-se da excessiva vinculação entre história do livro e do impresso, por mais que os estudos sobre a difusão do manuscrito na era de Gutenberg sejam já clássica recorrência neste tipo de observações¹⁵. Devo confessar que tenho acompanhado e lido avaliações historiográficas referentes inclusive à história da cultura escrita, nas quais esta se liga à cultura impressa como se além das oficinas tipográficas (ou de suas versões atuais) não existisse escrita ou textos suscetíveis também de leitura. É aceitável que isso tenha a ver com as consequências que a revolução técnica teve progressivamente nos modos de produção de textos e ainda mais na difusão destes, com especial incidência no campo dos impressos de poucas páginas:

On s'est parfois demandé si Gutenberg et ses semblables entendaient, quand ils mirent au point l'art typographique, publier des Donat, des

15. Harold Love, *The Culture and Commerce of Texts: Scribal Publications in XVIIth century*, Oxford, Clarendon Press, 1993; Henry R. Woudhuysen, *Sir Philip Sidney and the Circulation of Manuscripts, 1558-1640*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997; Fernando Bouza, *Corre Manuscrito. Una Historia Cultural del Siglo de Oro*, Madrid, Marcial Pons, 2001; David McKitterick, *Print, Manuscript and the Search for Order, 1450-1830*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004; Antonio Castillo Gómez, *Entre la Pluma y la Pared. Una Historia Social de la Escritura en los Siglos de Oro*, Madrid, Akal, 2006; e Márcia Almada, *Das Artes da Pena e do Pincel. Caligrafia e Pintura em Manuscritos no Século XVIII*, Belo Horizonte, Fino Traço, 2012.



Fig. 2. Cartel manuscrito correspondiente a las “famosas fiestas” que la compañía de Diego de Vallejo y Juan Acacio representaron en Sevilla, en el corral de doña Elvira, el miércoles 5 de junio de 1619, dentro de la festividad de la octava del Corpus Christi. Sevilla, Archivo Histórico Municipal, I, carp. 155, nº 290.

Psautiers et des Bibles, ou multiplier les feuilles volantes et les livrets de quelque pages destinées à faciliter le travail des administrateurs¹⁶.

Partindo também da problematização introduzida hodiernamente pelos suportes eletrônicos, julgo que erramos quando vinculamos a história de determinada manifestação escrita à materialidade concreta que esta possa ter tido em cada momento da história; mesmo, porém, sob esta perspectiva faz pouco sentido ocupar-se a história do livro com os manuscritos quando só eles existiam, e esque-

16. “Tem-se por vezes perguntado se Gutenberg e seus pares visavam, quando desenvolveram a arte tipográfica, publicar Donatos, Saltérios e Bíblias, ou multiplicar os volantes e os livretos de poucas páginas destinados a facilitar o trabalho dos administradores” (Henri-Jean Martin, *Histoire et pouvoirs de l’écrit*, Paris, Perrin, 1988, p. 277).

cê-los quando do surgimento do texto impresso, como se a partir da segunda metade do século xv, a única textualidade aceitável fosse a impressa. Nenhum dicionário mostra-se de alcance tão curto como às vezes nós pesquisadores o fazemos. Mantendo-nos apenas na época moderna, Covarrubias, em seu *Tesoro de la Lengua Castellana o Española* (1611), definiu o livro, derivado do latim *liber*, como “qualquer volume de folhas, ou de papel ou de pergaminho, ligado em cadernos e encapado”¹⁷. Onde está dito que os cadernos deverão estar impressos? Mais recentemente, a última versão do *Diccionario de la Lengua Española* registra que livro é o “conjunto de muitas folhas de papel ou outro material semelhante

17. Sebastián de Covarrubias, *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*, ed. Martín de Riquer, Barcelona, Altafulla, 2003, p. 765.

que, encadernadas, formam um volume”, além da “obra científica, literária ou de qualquer outra natureza com extensão suficiente para formar volume, que pode apresentar-se impressa ou em outro suporte”¹⁸.

III

O que acontece, no entanto, com os efêmeros e os papéis menores? Ou seja, com uma série de produtos, impressos e mesmo manuscritos, como os que ilustram este artigo, usados ocasionalmente em situações cotidianas, sem uma vontade de preservação tão clara como a que se pode supor em relação aos livros. Isto tem influído claramente tanto em sua eventual conservação como na exiguidade com que têm sido estudados. Apesar dos avanços alcançados nos últimos tempos em matéria de catalogação e de análise, ainda é bastante comum olhá-los como meras curiosidades; ao passo que grande parte das pesquisas sobre a história do livro e da leitura continuam presas às transformações, usos e apropriações do objeto códice, como se todo o resto fosse simples curiosidade.

Tanto é verdade que algumas das categorias apresentadas para classificá-los definem-nos precariamente, mencionando o que não são, ora “non-book printed materials” (“materiais impressos não-livro”)¹⁹, ora “non livre” (“não livro”)²⁰. Ambas as categorias sofrem, porém, do fetichismo que situa o livro numa posição não apenas superior mas também hegemônica, além de negligenciar os manuscritos de idêntica função e conteúdo. Diante dessas propostas, Maria Gioia Tavoni propôs chamá-los “materiais

menores” ou até “materiais diversos”, na medida em que se contrapõem “a uma cultura que por definição tínhamos chamado de ‘alta’”²¹. Silvia González-Sarasa, por sua vez, mostra-se mais propensa a chamá-los simplesmente “papéis”, ao menos em relação ao Século de Ouro espanhol, pois assim eram conhecidos na época; além de que qualquer outra das demais denominações em geral usadas: “folhas soltas”, “folhas de cordel”, “impressos menores” ou “minúcias” – parecem-lhe controversas e imprecisas²². Sob esse enfoque, note-se que o autor da citada *Biblioteca Periódica* referiu-se a esta variedade de textos com a expressão “alguns papéis ou livros de pouco volume”²³.

Uma vez que essa obra, conforme anotei no início, tinha por meta servir de guia aos livreiros e vendedores de livros, é compreensível que o autor considerasse expressamente a produção impressa. No entanto, não parece justificável que essa mesma rotulação continue presente entre os principais estudiosos dos *ephemera*²⁴, sendo esta uma das primeiras questões que a história do livro, e claro a da leitura, deveria corrigir nos tempos que correm. Em minha opinião, não faz sentido

18. <http://dle.rae.es/> <http://dle.rae.es/?id=NG3krc6> (Acesso 13 fevereiro 2016).

19. Alan Clinton, *Printed Ephemera. Collection, Organisation and Access*, London, Clive Bingley, 1981, p. 66.

20. Nicolas Petit, *L'éphémère, l'occasionnel et le non livre (XV^e-XVIII^e siècles)*, Abbeville, Klincksieck, 1997, p. 16.

21. Maria Gioia Tavoni, “I ‘Materiali Minori’: Uno Spazio per la Storia del Libro”, em Maria Gioia Tavoni e Françoise Waquet (eds.), *Gli Spazi del Libro nell'Europa del XVIII Secolo. Atti del Convegno di Ravenna (15-16 Dicembre 1995)*, Bologna, Pàtron, 1997, pp. 87-11; e “I Materiali Minori e le Carte del Paradiso in Piero Camporesi”, em Rudj Gorian (ed.), *Dalla Bibliografia alla Storia. Studi in Onore di Ugo Rozzo*, Udine, Forum, 2010, pp. 293-314.

22. Silvia González-Sarasa Hernández, “Delimitación Conceptual y Problemas Terminológicos en Torno a una Tipología Editorial del Impreso Antiguo”, *Anales de Documentación*, 14/2 (2011), pp. 1-14, <http://revistas.um.es/analesdoc/article/view/124511> (Acesso 13 fevereiro 2016).

23. Veja-se a nota 4.

24. A propósito destes, sua patrimonialização e estudo sob uma perspectiva interdisciplinar, veja-se Olivier Belin e Florence Ferran (dirs.), *Les éphémères, un patrimoine à construire*, <http://www.fabula.org/colloques/document2886.php> (Acesso 14 fevereiro 2016).



Fig. 3. Caricatura de José Bonaparte, rey de España entre 1808 y 1813. La venta de esta estampa se anunció el 28 de enero de 1814 en el periódico El Conciso. Madrid, Museo de Historia.

incluïrem-se nessa categoria produtos como: listas de acontecimentos, cartazes, avisos, editais, anúncios, almanaques, alegações e memoriais jurídicos ou bulas e súmulas de indulgências quando impressos, ao passo que se desprezam outros exemplares coetâneos de teor semelhante por serem manuscritos.

Segundo mencionei antes, ao invés de quebrar a unidade da tipologia textual, caberia analisá-los em conjunto, destacando as características de cada item, bem como as semelhanças e diferenças, dando primazia à função comunicativa que desempenharam. Do contrário, talvez tenha pesado a raridade dos manuscritos face à multiplicidade dos impressos, assim como uma localização em geral mais complicada; mas também a supremacia do tipográfico em muitos estu-

dos sobre o livro e a leitura. Desnecessário lembrar, portanto, o muito que este campo de pesquisa pode ganhar com os documentos guardados nos arquivos. Não já com os manuseados protocolos notariais, senão também com muitos outros expedientes administrativos ou jurídicos em que, por razões diversas, é possível achar-se os manuscritos parentes das minúcias tipográficas.

Não pretendo dizer que tais disciplinas devam ocupar-se com toda espécie de testemunhos escritos, porquanto entendo que isto cabe antes à história da cultura escrita; mas não me parece aceitável que a distinção manuscrito/impresso seja, por exemplo, critério válido quando se trata de volumes com estrutura material similar, e menos ainda se serve para produzir discriminação entre

papéis que não atingiram a categoria de livro. Falando com clareza, se estes escapam da história do livro devido a seu reduzido número de páginas, teriam então de sê-lo independentemente da técnica escrita e do conteúdo do texto. Não parece razoável que os efêmeros sejam objeto da história do livro quando são impressos ou se referem a matérias de índole mais ou menos literária, ao passo que em termos gerais sejam marginalizados quando tenham sido copiados ou difundidos em forma manuscrita ou quando seu conteúdo é puramente administrativo ou informativo. Assim, nosso conhecimento é maior no caso das bulas e pragmáticas que alimentaram as prensas de diferentes oficinas nos primeiros tempos da imprensa e das tipografias menores²⁵. De igual modo, outro ramo que tem recebido atenção com certa frequência é o atinente às folhas soltas e folhetos de cordel, qualquer que seja a denominação mais apropriada, em grande parte porque seu conteúdo, conforme dissemos antes, podia inserir-se nos interesses da história da literatura, demonstrando com isso a estreita relação que existiu sempre entre alguma orientação desta e a história do livro²⁶.

25. Sobre este assunto, em relação à Espanha, veja-se Ramón González Ruiz, “Las Bulas de la Catedral de Toledo y la Imprenta Incunable Castellana”, *Toletum. Boletín de la Real Academia de Bellas Artes y Ciencias Históricas de Toledo*, 18 (1985), pp. 9-180; Harry Wohlmuth, “Las Más Tempranas Bulas de Indulgencias Españolas Impresas: Nuevos Datos Sobre la Fecha de Composición de la ‘Bula de Guinea’ y la Introducción de la Imprenta en Sevilla”, em Pedro M. Cátedra e María Luisa López-Vidriero (dirs.), *El Libro Antiguo Español: Actas del Segundo Coloquio Internacional (Madrid)*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1992, pp. 493-553; e Fermín de los Reyes Gómez, “Las Bulas de Rodrigo de Borja y los Orígenes de la Imprenta Española”, *Pecia Complutense*, 8, 2008, <<http://biblioteca.ucm.es/foa/pecia/num8/Articulos/0805.htm>>.

26. Pedro M. Cátedra (dir.), Eva Belén Carro Carbajal *et alii* (eds.), *La Literatura Popular Impresa en España y en la América Colonial: Formas & Temas, Géneros, Funciones, Difusión Historia y Teoría*, Salamanca, Seminario

Aqui reside, na minha opinião, outro dos desvios que distorceram nossa abordagem de muitos desses produtos. Sem negar que esses “papéis” também foram de interesse noutros momentos, não é menos certo que a balança pendeu principalmente para aqueles produtos que se decidiu classificar como expressão da chamada literatura popular, de um lado, e do protojornalismo ou jornalismo de outro²⁷. Menos apreço, porém, mereceram os efêmeros de uma ou poucas folhas de conteúdo particularmente informativo e publicitário, caso dos editos, pragmáticas, cartazes e avisos diversos, se deixarmos de fora basicamente os trabalhos realizados na Itália por Zita Zanardi, pela citada Maria Gioia Tavoni e Manuella Grillo, por mais que elas se tenham também concentrado em geral nos produtos impressos²⁸.

de Estudios Medievales y Renacentistas, 2006; Pedro M. Cátedra (dir.), María Eugenia Díaz Tena (ed.), *Géneros Editoriales y Relaciones de Sucesos en la Edad Moderna*, Salamanca, Sociedad Internacional para el Estudio de las Relaciones de Sucesos-Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas, 2013; e Gabriel Andrés (ed.), *Proto-Giornalismo e Letteratura: Avvisi a Stampa, Relaciones de Sucesos*, Milano, Fraco Angeli, 2013.

27. Veja-se, entre outros, Hans-Jürgen Lüsebrink, York-Gothart Mix, Jean-Yves Mollier & Patricia Sore (dirs.), *Les lectures du peuple en Europe et dans les Amériques du XVII^e au XX^e siècle*, Bruxelles, Éditions Complexe, 2003; Lodovica Braida & Mario Infelise (eds.), *Libri per Tutti. Generi Editoriali di Larga Circolazione tra Antico Regime ed Età Contemporanea*, Milano, UTET, 2010; Joad Raymond (ed.), *The Oxford History of Popular Print Culture*, 1. *Beginnings to 1660*, Oxford, Oxford University Press, 2011; Christine Bold (ed.), *The Oxford History of Popular Print Culture*, 6. *us Popular Print Culture 1860-1920*, Oxford, Oxford University Press, 2011; Andrew Pettegree, *The Invention of News: How the World Came to Know About Itself*, New Haven/London, Yale University Press, 2014.

28. Zita Zanardi, *Bononia Manifesta. Bandi, Editti, Costituzioni e Provvedimenti Diversi Stampati nel XVI Secolo per Bologna e il Suo Territorio*, Firenze, Leo S. Olschki, 1996; Maria Gioia Tavoni, “I ‘Materiali Minori’”, *art. cit.*; “I Materiali Minori e le Carte del Paradiso”, *art. cit.*; Manuella Grillo, *Leggi e Bandi di Antico Regime*, Cargeghe (Sassari), Editoriale Documenta, 2014; e Zita Zanardi, *Bononia Manifesta. Supplemento al Catalogo dei Bandi, Editti, Costituzioni*

Para explicá-lo, vêm-me à mente várias alternativas. Uma, a veneração de nossa tradição cultural pelos livros, responsável pelo notável avanço nos conhecimentos que temos da história e presença do objeto livro, mas também pelo alijamento que se fez dos produtos que não se enquadraram nessa denominação. Outra, a condição política ou informativa de muitos dos efêmeros, alheios, portanto, ao fato literário que tem marcado a tradição filológica e bibliográfica. Terceira, dada sua natureza fugidia e efêmera, como o foi a função que desempenharam. Trata-se de papéis destinados a transmitir à sociedade qualquer disposição política ou religiosa, divulgar alguma proposta, noticiar algum fato ou informar atividades e eventos vários. Passados estes, o escrito perde a utilidade e se torna desnecessária sua conservação, de modo que é sempre mais problemática sua localização. Não é habitual que possamos encontrá-los como registros independentes, sendo mais comum formarem parte de coleções de diversos e de legajos documentais variados, frequentemente graças ao trabalho realizado por colecionadores.

IV

O último apontamento conduz-me a outro espaço que parece necessário reivindicar, apesar de ultimamente os enfoques se terem ampliado. Se excetuarmos diferentes estudos voltados à propriedade de livros, licenças de impressão ou censura, receio que raramente os arquivos tenham interessado aos que se acercaram da história do livro, desde a filologia. Pelo contrário, seu principal cenário de trabalho têm sido sempre as bibliotecas, como também o atesta que boa parte dos melhores conhecedores da história do li-

e Provvedimenti Diversi, Stampati nel XVI Secolo per Bologna e il Suo Territorio, Firenze, Leo S. Olschki Editore, 2014.

vro tenham trabalhado como bibliotecários. Tudo se explica, insisto, a partir do momento em que esta disciplina não costuma ser incluída nos planos de estudo das graduações de História, ao passo que costuma sê-lo nos de Filologia e, mais recentemente, nos de Biblioteconomia. O divórcio entre disciplinas diante da interdisciplinaridade politicamente correta e mal praticada, incide de modo direto nos resultados a que chegamos em nossas pesquisas.

Uma vez que a biblioteca tem sido e talvez seja o cenário de trabalho habitual dos historiadores do livro de origem filológico, o arquivo passa despercebido. No entanto, tem sido útil quando o objetivo não foi o livro mas a leitura, conforme provam as pesquisas a propósito das fontes inquisitoriais tendo Ginzburg à frente²⁹, ou quando houve interesse em analisar os controles da edição e distribuição social dos livros, como então se dizia. Por isso, não é raro que muitos efêmeros tenham passado despercebidos enquanto, como é o caso dos editos ou pragmáticas, podemos encontrá-los com certa frequência nos expedientes administrativos e judiciais mais diversos.

Evidentemente isso acarreta um problema não menor que também incide em nosso desempenho profissional. Refiro-me, claro, à acessibilidade dos acervos. Uma vez que não somos titãs capazes de superar qualquer adversidade, é evidente que nossa pesquisa depende muito da facilidade que existe para localizar o que procuramos, do nível de descrição que se tenha feito dos acervos, seja em catálogos manuscritos e impressos ou em suas versões *on-line*; em suma, da visibilidade que os diversos textos tenham onde se encontram – bibliotecas ou arquivos.

29. Carlo Ginzburg, *Il Formaggio e i Vermì. Il Cosmo di un Mugnaio del '500*, Torino, Einaudi, 1976. Mais recentemente, Antonio Castillo Gómez, *Livros e Leituras na Espanha do Século de Ouro*, Cotia (SP), Ateliê Editorial, 2014.



Se hallará en Valencia en la librería de DOMINGO y MONPIÉ, calle de Caballeros, núm. 48.

Fig. 5. Aleuyas dedicadas a la Constitución de 1812, la vuelta de Fernando VII y el Trienio Liberal. Valencia, Librería de Domingo y Monpié, [ca. 1821]. Madrid, Biblioteca Nacional de España, R/62503/3.



Fig. 5. Portada de un pliego con nueve romances y unas coplas sobre la batalla de Lepanto. Madrid, Antonio Sanz, [1728-1770].

Felizmente, esta situação começa a reverter, tanto devido ao interesse que diferentes pesquisadores demonstram pelo estudo dos materiais efêmeros, como pelas enormes vantagens de localização e recuperação que oferecem as bases de dados, arquivos e bibliotecas digitais. Para tanto, é preciso naturalmente que os termos que identificam os efêmeros apareçam devidamente registrados nas descrições, o que obrigará quem sabe a delimitar este terreno bibliográfico, dando precisão às diferenças que possam haver e

há entre um cartaz de festa e uma novela de cordel, para não falar da maior abundância de efêmeros dos séculos XIX e XX, em que, no entanto, não foram consideradas como tais as coleções editoriais, novelas e teatro em fascículo, talvez, de novo, porque estes produtos, sim, interessaram àqueles que estudaram as formas editoriais e as práticas de leitura nos períodos mais recentes.

À medida que, como dizia antes, a história do livro tem estado com grande frequência associada aos estudos filológicos,

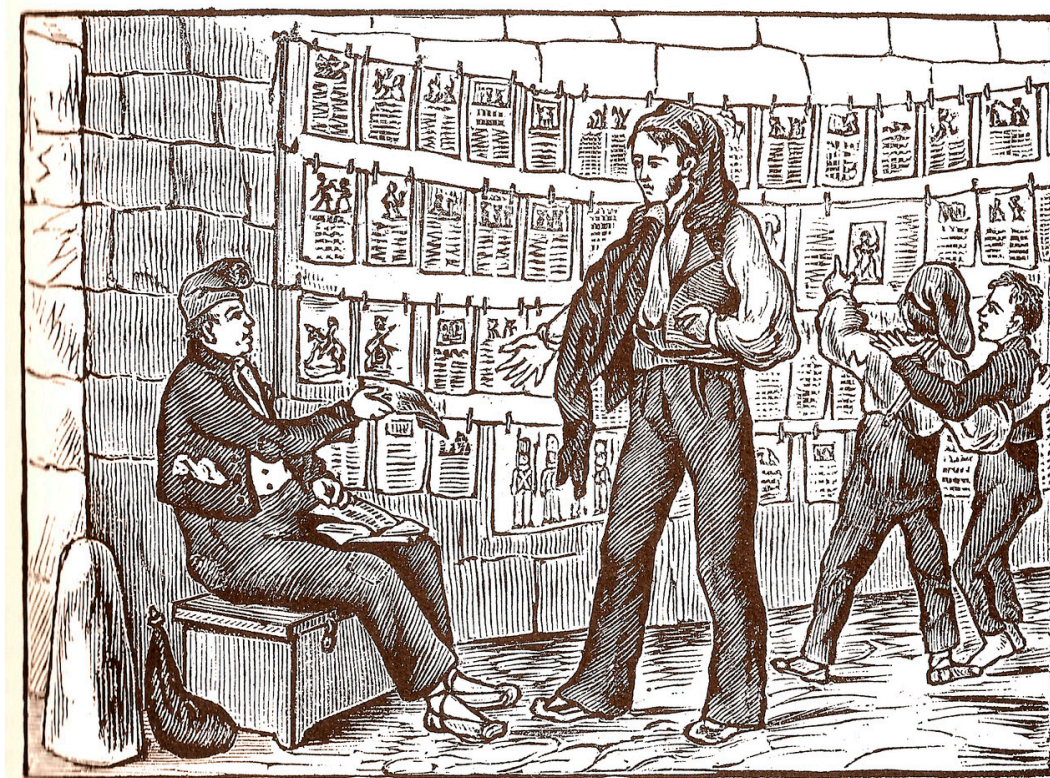


Fig. 6. Tienda de romances junto al convento de San Agustín (Barcelona), según un grabado de 1850.

é evidente que o trabalho se baseou em especial nos volumes e papéis conservados em bibliotecas, menos naqueles que podem integrar os expedientes de arquivo, com a sabida exceção dos inventários cartoriais. Igualmente, os textos que despertaram maior interesse foram os referentes a determinada criação estética, resultando disso que a história do livro tenha podido ocupar-se das excelências tipográficas que marcaram as Bíblias políglotas do século XVI, a história do *Quixote* ou de qualquer obra canônica ou canonizada, as iniciativas enciclopédicas do século XVIII, os folhetos e novelas de cordel ou o florescimento de livros para todos nos séculos XIX e XX. Com desigual talento, conforme seus autores e o público a que se destinavam, eram textos de ficção e não ficção que se amoldaram à ideia romântica da literatura, tão vinculada

à constituição de um *corpus* de obras que fosse representativo de um povo, um século ou de determinado gênero.

Sob esse conceito, Roland Barthes disse que a literatura não é um *corpus* de obras nem mesmo uma categoria intelectual, e sim uma prática de escrita³⁰. Mais recentemente, Terry Eagleton, no ensaio “*The Event of Literature*”, depois de repassar os sentidos dado a esta, destacou que “utilizar a palavra ‘literatura’ de forma normativa ao invés de descritiva leva não só a inútil lodaçal, como a grande número de preconceitos autocomplacentes”, acrescentando que “deveríamos também despojar-nos da indolência intelectual de ter como definitivo que uma obra

30. Roland Barthes, *Leçon inaugurale de la chaire de sémiologie littéraire du Collège de France prononcée le 7 janvier 1977*, Paris, Seuil, 1978.

literária é digna desse título simplesmente porque a instituição literária assim o diz”³¹.

Não entrarei agora em areias movediças como podem ser estas para quem como eu não é especialista na matéria. Pretendo todavia apontar que a ligação bem recente entre livro, texto literário e o agregado impresso, quando Gutenberg entra em cena, gerou algumas deformações em nosso objeto de estudo, limitando a história do livro ao fetiche que mais se amolda a esta denominação, exceto quando este objeto, mesmo sendo um simples caderninho de menos de 32 páginas, continha matéria literária, preces ou textos didáticos. Com alguma exceção, o campo se manteve em geral mais fechado para incorporar em si as minúcias e os efêmeros, manuscritos e impressos, que pus aqui em discussão na esteira do próprio Alonso Quijano quando se proclamava leitor de toda espécie de papéis, inclusive dos rasgados que encontrava pelas ruas:

“Estando yo un día en el Alcaná de Toledo, llegó un muchacho a vender unos cartapacios y papeles viejos a un sedero; y como yo soy aficionado a leer aunque sean los papeles rotos de las calles, llevado desta mi natural inclinación tomé un cartapacio de los que el muchacho vendía y vile con caracteres que conocí ser arábigos”³².

Como ignoro se isto é matéria da história do livro e não tenho a menor intenção de ferir cânones e procedimentos estabelecidos, sinto-me mais à vontade falando de história da escrita ou história da cultura escrita, uma vez que esta sim engloba também toda a família dos materiais menores. Ou talvez nem isto seja necessário e possamos todos concordar que a história do livro, e conseqüentemente da leitura, deve sê-lo também dos papéis efêmeros distribuídos em cada momento de nosso devir, independentemente além disso de que sejam copiados e mão, impressos em prensa ou compostos por meios eletrônicos.

31. Terry Eagleton, *The Event of Literature*, New Haven, Yale University Press, 2012, pp. 90-91.

32. “Achando-me um dia em Alcaná de Toledo, veio um rapaz vender uns cartapácios e papéis velhos a um comerciante de tecidos; como sou apegado a ler até mesmo papéis rasgados jogados nas ruas, movido desta minha natural inclinação, apanhei um dos cartapácios que o rapaz vendia e o vi com caracteres que reconheci como árabes” (Miguel de Cervantes Saavedra, *Don Quijote de la Mancha*, edição Instituto Cervantes (1605, 1615, 2015) dirigida por Francisco Rico, Madrid, Real Academia Española, 2015, primeira parte, cap. IX, p. 118).